

M. G. FERREY

A QUOREA
EXPIRA

MUNDOS
SECRETOS



*A mim, que escrevi este livro enquanto dançava
com tempestades e encontrava sorrisos na chuva.*

A mim... que persisti.

*A ti, que apenas queres um romance fantástico e fofo,
desculpa todo o sangue.*



PRÓLOGO

BENNY

A Ara morreu. Nem sempre fui a irmã ideal ou a mais fácil das duas. Era mimada, teimosa e o peso da culpa assola-me diariamente pelo que lhe aconteceu. Se pudesse voltar atrás, talvez tivesse insistido mais contra aquele fatídico passeio de barco. Usei palavras, sim, mas não fui irredutível, não dei azo ao meu lado dramático, apesar de um pressentimento sinistro me corroer o estômago.

Meio ano sem ela, sem escutar a sua voz, sem as nossas picardias. E, percebo agora: amo a minha irmã mais do que tudo neste mundo e daria de bom grado a minha vida pela sua, porque ela era a luz da nossa casa, sempre a mais resplandecente. Encontro vestígios dela por todo o lado. Mantenho a porta do seu quarto aberta e, por vezes, vejo-a ali, imersa num livro, ou a dançar graciosamente os passos de *ballet*.

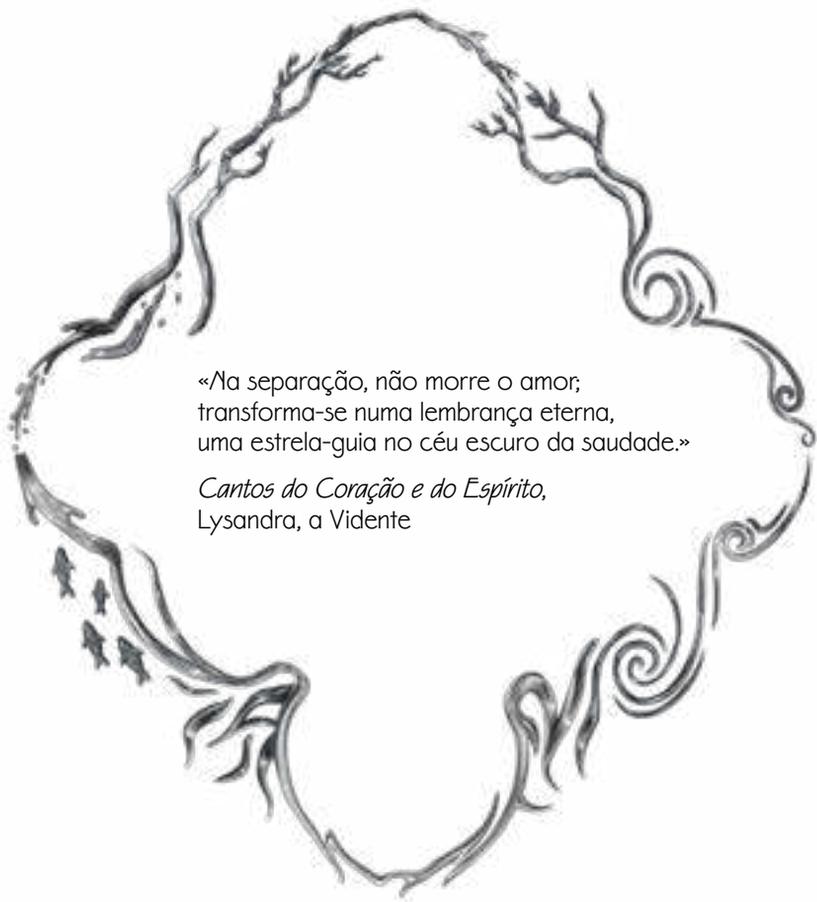
Os meses que se seguiram à sua morte foram impiedosos para todos. Buscas intermináveis, cujo desfecho eu já sabia ser infrutífero, mas não tive coragem de contrariar os meus pais e Colt, pois parecia dar-lhes algum tipo de esperança. Até que, um dia, deixei de ir. Foi a minha forma silenciosa de dizer que já não aguentava mais. A minha mãe encontrou refúgio no álcool, o meu pai entregou-se desenfreadamente ao trabalho e Colt, apesar de tentar esconder, perdeu-se em aventuras fugazes.

Durante bastante tempo, cheguei a duvidar se conseguiríamos sobreviver a esta perda. No entanto, aos poucos, as coisas

começaram a recuperar algum vislumbre de normalidade. Eu e os meus pais regressámos a casa, em Atlanta. Encontro-me numa clínica de reabilitação, pois, infelizmente, as drogas foram o caminho escolhido por mim.

A culpa toldou-me o espírito e os narcóticos ofereceram-me momentos efémeros de serenidade, de falsa clareza, pois, de cada vez que sucumbia, uma névoa encobria a outra. Sem me aperceber de que cada uma dessas vezes estava mais perto do abismo. Começo a saber lidar melhor com este sentimento, voltar à rotina, à escola, as consultas e o grupo de apoio ajudam, mas uma réstia de culpa está sempre ali, à espreita, a rondar, à espera de atacar.

Pelos meus pais, tive de ser resiliente. E fiz-me mulher. Amadureci. As coisas estavam a melhorar, até o telefonema de Colt voltar a virar as nossas vidas do avesso.



«Na separação, não morre o amor;
transforma-se numa lembrança eterna,
uma estrela-guia no céu escuro da saudade.»

Cantos do Coração e do Espírito,
Lysandra, a Vidente



1

Ara

Frio.

É o que sinto quando a minha cabeça irrompe na Superfície, imediatamente antes de começar a gritar. Há meses que não vivencio a carícia do vento fresco.

— Colt! Colt! — O meu grito rasga a quietude quando não o avisto. Busco com o olhar, submerjo novamente, perscruto, mas nem sinal. A água é gélida, a noite encontra-se impenetrável como um manto negro. Apenas o brilho fraco das estrelas empresta alguma luminosidade à cena. — Colt!

Os pulmões ardem-me e sinto um aperto no peito, de pânico. Foi precisamente isto que ele sentiu quando me viu afogar. Ele, os meus pais e a minha irmã.

— Ara — ouço-o —, nada para aqui, segue a minha voz.

Pelo canto do olho, reparo num vulto de braços no ar e sigo nessa direção. A corrente não é forte, felizmente. O meu corpo não suportaria ter de batalhar para sair daqui. Não depois de tudo por que passei. Deixar o meu amor e Aquorea para trás. Até a mochila que trago às costas, apesar de quase vazia, parece pesar uma tonelada.

— Onde estamos? — questiono, assim que chego à orla. Olho à minha volta e o local parece-me familiar.

— Em Foz do Iguaçu.

Um tremor de dor percorre-me, mas não é propriamente uma dor física, é uma dor de alma. Quero muito ver a minha família,

mas nutria uma réstia de esperança de que a água não me trouxesse de volta à Superfície. Isso seria, sem dúvida, uma confirmação de que pertença *lá*.

Saímos da água e subimos para a margem. Colt passa o braço ao meu redor e trilhamos caminho através das árvores.

— Pensei que íamos sair em algum sítio nos Estados Unidos — digo.

— Para onde pensaste ir?

A verdade é que tive de convocar todas as minhas forças para me concentrar e rogar à água que me levasse para onde quer que Colt fosse. Caso contrário, teria ficado em Aquorea.

— Para o mesmo lugar que tu.

— Então, está explicado. Eu pensei em Foz do Iguaçu.

A noite está mais quente do que quando desapareci em junho, mas, mesmo assim, não é tão quente como *lá em baixo*.

Água escorre-me pelo corpo. O tecido fino cola-se à minha pele, agora arrepiada pelo sopro noturno. As árvores da reserva florestal são densas e a escuridão é total. Levo a mão ao pulso para acender a pequena luz do meu relógio, mas recorro-me de que o dei a Mira, como lembrança da nossa amizade.

— Sabes para onde vais? — pergunto a Colt, que me guia pelos trilhos como se os percorresse todos os dias.

— Sim, conheço estes caminhos como a palma da minha mão. Estamos quase a chegar.

Quando profere estas palavras, uma luz ténue desponta entre as árvores e, à medida que nos aproximamos, a casa do meu avô materializa-se.

O jardim da frente, que se confundia com a continuação da floresta, exhibe agora flores alegres e árvores plantadas. Colt manteve-se ocupado. As portadas das janelas estão abertas e, quando subimos os degraus que dão para o alpendre, retira a chave debaixo do tapete, destranca a porta e dá-me passagem.

— Fiz algumas modificações. Para tornar o espaço mais funcional — explica, enquanto se descalça na entrada.

— Tens vivido aqui?

— Sim. Os teus pais e a Benny voltaram para os Estados Unidos e deixaram-me ficar cá. Insistiram, aliás. A minha mãe veio visitar-me e contribuiu com o toque gracioso na decoração.

Ah, a Olívia. Também tenho saudades dela.

Colt, o meu melhor amigo de infância, o rapaz por quem tenho um amor de irmão e que não sabia estrelar um ovo, vive e gere uma casa sozinho. Descalço-me também e adoro a sensação. Acho que já não me habituarei a andar calçada.

— E o que tens feito, exatamente? Numa das mensagens, dizias que estavas a aprender a navegar no rio com um capitão Santos.

O semblante dele suaviza e sorri, como se o recordasse de bons momentos.

Tiro a mochila dos ombros. É impermeável, por isso, sei que o conteúdo está intacto. Quero muito ver as coisas que trouxe, mas... mais tarde. Quando estiver sozinha. Assim que a pouso no chão, ela mexe-se.

Que caras!

— O que trazes aí? Um peixe?

— Nada que devesse fazer isto. — A mochila continua com vida própria e cai para o lado. Toco-lhe com o pé e fica ainda mais irrequieta. Baixo-me, abro o fecho e dou um grito quando algo me salta para o colo.

— *Flyer!* — Faço-lhe festinhas para o acalmar e reparo que tem um objeto reluzente nos dentes. Tem por hábito trazer-me presentes. Abro a palma da mão e ele solta o que traz na boca. É um cristal bruto, puro, do tamanho de um ovo. Ergo-me. Colt arregala os olhos, tão surpreso quanto eu. Pouso a pedra em cima da mesa de jantar.

— *Flyer?* — pergunta Colt, espantado, a observar o animal. — Eu já o vi. Não é o mesmo que te saltou para o colo, lá em Aquorea?

É mais pequeno do que um coelho, azul, com *nuances* lilás, com exceção da mancha que ostenta na orelha e o tufo branco

que exhibe orgulhosamente no peito. Os olhos pretos são sorridentes. Os pequenos chifres estão maiores, está a tornar-se num adulto.

— É, sim. Como te enfiaste aí sem que eu desse por isso, malandro? — Faço-lhe festinhas na barriga. — Colt, apresento-te *Flyer*, o *Aviador*.

— Tens um animal de estimação! — Tira-mo do colo para o acariciar. — Que espécie é esta?

— É um *dhihilo*. Devo-lhe a minha vida.

Colt olha-me intrigado, então, continuo.

— Quando chegaste a Aquorea, havia uma festa... — Estou sem força para continuar. — Olha, Colt, temos muito que conversar. Mas, primeiro, vamos vestir roupa seca. Falamos daqui a pouco?

— Sim, claro.

Antes de subir para o meu quarto, encho uma taça com água, corto uma maçã aos palitos e dou a *Flyer*, que se refastela, contente.

Observo as paredes com fotografias da minha família, dos meus antepassados. Uma casa que não era usada há mais de quarenta anos, antes de o meu avô ter regressado dos Estados Unidos para se despedir dela e prepará-la para a nossa chegada. Agora, tudo faz sentido. Ao contrário de quando recebemos uma carta na nossa casa em Atlanta, a dizer que o meu avô estava morto e que devíamos vir ao Brasil dar o corpo como desaparecido e as buscas como encerradas.

Foi quando toda a minha família pensou que eu tinha morrido afogada. Mas não... fui salva. E fiquei a saber que descendo de um povo excecional que vive há milhares de anos abaixo do nível do mar.

A casa de banho é pequena. Tudo me parece desconhecido. Julgo que terei de me adaptar novamente à minha antiga vida. Encaro o espelho e não reconheço o reflexo que me devolve o olhar. Nada da pessoa de *antes*. Toco na pedra do fio que Kai passou do pescoço dele para o meu e uma energia que desconheço percorre

o meu corpo. Entro no duche e deixo o jato bater com força na minha pele. Encosto-me à parede e escorrego até me sentar. O peito estreita e custa-me respirar, mas não choro porque não me resta mais nada.

A água não surte o efeito relaxante que ansiava. Quando chego ao quarto, visto o fato de treino que Colt me emprestou, no entanto, os arrepios persistem. O meu corpo adaptou-se de tal forma ao clima de Aquorea que agora se ressentente.

Abro as portas do armário e não encontro um cobertor extra. Levanto a tampa do baú que está aos pés da cama, na esperança de encontrar uma manta onde me enroscar. O cheiro a mofo misturado com naftalina quase me tomba. Um pedaço de tecido fino com riscas verdes cobre o conteúdo. Tiro-o e deparo com papéis amarelos e enrugados. Cartas, documentos, notas e livros. A minha curiosidade leva a melhor.

Sento-me no chão e começo a vasculhar. Encontro muitas cartas cujo nome do remetente é Álvaro. E é dos Açores. Lembro-me vagamente do nome Álvaro, acho que era o trisavô do meu avô Anadir. Contudo, não tenho memória de mais nada. Encontro um documento da sua travessia dos Açores para o Brasil, no ano de 1880. Fico fascinada com esta informação. Afinal, os ascendentes do meu avô são portugueses. E, conseqüentemente, os meus também. Guardo os documentos mais interessantes para mais tarde pesquisar sobre este assunto.

Desço e encontro Colt no sofá com *Flyer* ao colo. Conversa com ele baixinho e o pequeno *dhihilo* saltita, irrequieto, para lhe lambe o rosto. Sorrio ao vê-lo. Alguém de quem eu já me tinha despedido no meu coração. É mesmo estranha esta sensação.

Sento-me com as pernas cruzadas no cadeirão amarelo à sua frente e, de um pulo, *Flyer* salta do colo de Colt para o meu. Na mesa de centro, há sumo de laranja, frutas e sandes. Ele passa-me uma de queijo e eu mordisco-a ao de leve, apática e perdida. Não consigo deixar de pensar nas últimas palavras que Colt me disse antes de entrarmos no géiser.

Preciso de lhe perguntar.

— Antes de sairmos de Aquorea, disseste-me que conhecias a Isla.

— A miúda de cabelo azul?

Assinto.

— Por causa das conversas do capitão Santos, percebo agora, não tão tresloucadas assim, comecei a sonhar com pessoas originais e fora do comum. Muito parecidas às que vivem em Aquorea. Acho que cheguei a referir isso numa das mensagens que te enviei.

— Ah, julgava que tinhas sonhado mesmo com ela.

— Agora que reflito, talvez não fosse ela exatamente... — Para uns segundos a matutar e tenho a sensação de que tem algo a acrescentar, mas apenas encolhe os ombros. — Não sei explicar...

Como eu nada digo, continua.

— Começo eu?

— Sim — respondo, porque temos de ir ao que realmente interessa.

Ele vira-se para mim. Encara-me, o olhar determinado. Nada do miúdo que outrora conheci.

Pensará ele o mesmo de mim?

— Quando te perdemos, passámos por um inferno. Os teus pais ficaram devastados sem ti. O teu pai focou-se de tal forma na tarefa de te encontrar e no trabalho que se desligou de tudo o resto. A tua mãe... — Para, inspira como se lhe custasse ter de recordar, mas continua sem rodeios. — A tua mãe encontrou no álcool algum consolo; anestesiada, não sentia tanto a dor do teu desaparecimento.

Eu ouço-o com atenção. Petrificada. *Flyer* enroscou-se nas minhas pernas e, com o focinho enfiado nas patas, olha atentamente para Colt. Pouso o resto do pão na minha perna e ele come, devagar.

Colt inclina-se e passa-me um guardanapo. Apercebo-me neste momento de que estou a chorar.

— Ara, eles agora estão bem. Estão melhor.

— E a Benny? Numa das tuas mensagens, disseste que ela andava com más companhias.

Recosta-se na almofada e suspira, como se lhe doesse falar.

— A Benny conheceu um rapaz, jornalista, que a levou a ter alguns comportamentos perigosos.

— Que tipo de comportamentos?

— Começou a consumir drogas e teve uma *overdose*. Esteve entre a vida e a morte.

Tremo de medo e de choque. E o meu mundo para enquanto tento assimilar esta informação. Todo o meu corpo fica tenso e recrimino-me.

— Benny... — sussurro.

— Foram momentos muito difíceis. Cada um de nós lidou de forma diferente com a tua perda, mas nenhum lidou corretamente com essa dor.

Dou-me conta de um reflexo obscuro no seu olhar.

— E tu, Colt, como lidaste?

Arqueia as sobrancelhas, como se já estivesse à espera desta pergunta.

— Digamos que encontrei conforto num prazer fugaz. — A sua respiração é pesada e os braços fortes estão cruzados. Braços que, da última vez em que o vi, eram mais franzinos. — Chegámos a um ponto em que não houve alternativa senão mudar. Caímos no fundo do poço e percebemos que, se cada um de nós não alterasse o seu comportamento, perderíamos tudo. E também uns aos outros. A gota de água foi quando encontrámos a Benny inanimada e a levámos para o hospital. Foi aí que soubemos que tínhamos de mudar de rumo.

Parece um pesadelo do qual não consigo acordar.

— Diz-me a verdade, ela está mesmo melhor?

— Em recuperação. Regressaram a casa e ela foi para uma clínica de reabilitação. Os teus pais também procuraram ajuda e estão a curar feridas. A tua irmã já regressou à escola.

— E agora? Como vou aparecer e fazê-los passar por outro tormento?

— Ara, nem penses nisso. Tens consciência de que é o sonho de qualquer pessoa que tenha perdido um ente querido, reencontrá-lo vivo? Eu próprio, como sabes, nunca perdi a esperança.

De alguma forma, estas palavras amenizam a minha dor.

— E como é que vamos fazer? Não posso simplesmente aparecer tipo «mãe, pai, cheguei».

— Tens razão. Tenho estado a matutar sobre esse assunto. Há algumas questões legais que teremos de resolver primeiro.

— Como ressuscitar-me.

— Nem mais. Temos de ver o que é necessário fazer legalmente para recuperares os teus documentos e poderes viajar.

O pensamento forma-se depressa na minha cabeça e o meu coração estreita-se quando percebo aquilo que temos de fazer.

— Vais chamar os meus pais...

O meu pai é um ótimo advogado e saberá o que fazer. E, mais cedo ou mais tarde, terei de os encarar.

— Sim.

— O que lhes vais dizer? Preferia que o meu pai viesse sozinho. — Fico pasmada por esta última frase me ter escapado da boca. Não é que não queira ver a minha irmã e a minha mãe, mas preciso de uns dias. Tenho de organizar as ideias e pensar no que lhes contar.

— Fica tranquila, sei o que dizer, mas talvez peça para virem todos, será mais fácil. — Suspira e arrasta-se para a beira do sofá. Cobre a minha mão com a dele. — Vai ficar tudo bem, Ara. Confia em mim.

Olho para a grande mão pousada na minha. Se algum dia pensei que poderia apaixonar-me por Colt, hoje, sei que isso nunca seria possível. O carinho e amizade que tenho por ele são tão grandes que não há palavras para definir, mas o meu coração pertence a outra pessoa, de um outro Mundo. Um Mundo que eu decerto não voltarei a ver.

— Eu sei — minto para nós os dois.

— Um passo de cada vez. Para já, ligo ao Caspian e peço-lhes que venham.

— Assim? Dizes para virem e eles largam tudo e vêm para o Brasil?

— Se lhes pedir, é porque é importante. Eles virão.

A partir daqui, a minha vida irá resumir-se a isto. Antes e depois de Aquorea.

E de Kai.

Como estará ele? Passaram poucas horas desde que viemos, contudo, ele estava tão destroçado que se nos tivéssemos beijado mais uma vez, teria mandado Colt sozinho para a Superfície.

O que faria se ele aparecesse aqui, agora? Abandonaria o meu plano e voltaria a Aquorea? Seria eu capaz disso? Bloqueio de imediato este pensamento. Não quero pensar nisso agora, não quando me doem até os ossos, de tanto sofrimento. Não consigo passar por tudo outra vez. Sei que, de alguma forma, estou a bloquear Kai da minha vida. E conhecendo-o, sei que ele me vai dar o espaço e o tempo de que preciso.

Ata de Reunião Extraordinária do Consílio: n.º 35

Data: 27 novembro do corrente ano

Local: Sala de Reuniões do Consílio

Presenças

Llyr (Regente); Hensel, Arcas, Raina e Anadir (Anciãos); Nwil, Alita e Fredek (Mestres do Consílio); Ghaelle (chefe da Fraternidade dos Protetores)

Assuntos discutidos

- 1- Discussão sobre a morte de Sofia e procedimentos subsequentes.
- 2- Planeamento da investigação das intenções e alianças de Sofia, e possíveis futuras ameaças.
- 3- Considerações sobre a missão de Kai e a situação de Arabela.
- 4- Discussão sobre a revelação das Origens a Ara e a Kai.
- 5- Considerações sobre o papel de Colt e a interpretação dos Escritos.

Desenvolvimentos, por ordem

Abertura

Llyr deu início à sessão, mencionando a urgência da reunião devido a diversos assuntos críticos.

Morte de Sofia

Llyr anunciou, com pesar, a morte de Sofia, às suas mãos, para salvar Fredek. Estas circunstâncias exigirão abertura de inquérito. Ghaelle foi encarregado de liderar este processo, tendo dado a nota de que a situação, havendo sido pública, facilitaria a conclusão do mesmo.

Investigação e Futuras ameaças

Nwil expressou preocupação sobre as intenções de Sofia e as suas alianças. Ghaelle comprometeu-se a trabalhar com Kai na investigação e coleta de informações, embora tenha sido notado que Kai poderia estar ausente para tal.

Missão de Kai e Situação de Arabela

A importância de Arabela foi destacada, com debates sobre a sua condição atual – saiu para a Superfície – e a necessidade de Kai ir buscá-la de volta para Aquorea. Hensel insistiu na urgência de contar a verdade a Kai para facilitar o regresso de Ara, apesar das preocupações sobre o impacto das revelações. Anadir expressou preocupações sobre a prontidão de Arabela para retornar.

Revelação das Origens

A discussão culminou na decisão de que a verdade sobre as Origens deveria ser partilhada, com a proposta de que a revelação fosse feita juntamente a ambos – Kai e Ara –, enfatizando a importância da transparência e união neste momento crítico.

Papel de Colt

Alita levantou questões sobre a presença de Colt em Aquorea, sugerindo que deveria haver um motivo para a sua chegada. A possibilidade de que Colt tenha uma missão importante e os Anciãos possam ter feito uma interpretação equivocada dos Escritos foi mencionada por Arcas.

A reunião de emergência continuou.



«O sussurro da verdade
raramente ecoa nos salões do poder,
mas sempre encontra caminho nos corredores
silenciosos da consciência.»

Provérbio aquoreano



2

Kai

Ignoro-a uma vez mais porque, seja o que for que ela me diga, não me vai ajudar. Sei que a minha irmã me adora e está preocupada, e é por esse motivo que continua a insistir.

— Kai, pousa isso — repete pela terceira vez. — Não podes ir embora assim, de cabeça quente.

— Já te disse para me deixares, Isla. A minha decisão está tomada.

— E achas que o Consílio te vai dar permissão para sair? Assim, sem mais nem menos?

— Não preciso da permissão de ninguém, pequena.

Estamos em minha casa, na Fraternidade dos Protetores. A Isla viu-me sair a correr do Colégio Central, após a partida de Ara para a Superfície, e veio atrás de mim. Encontrou-me na habitação de Ara, sentado no chão, com a carta dela nas mãos. «Uma carta de despedida», expliquei-lhe, mas não lhe disse para quem. Momentos depois, levantei-me e vim ao meu apartamento buscar roupa para levar. A minha irmã seguiu-me, claro.

Isla tira-me a mochila das mãos e arranca uma peça de roupa lá de dentro. É preta e com bastantes refletores.

— Sim, com esta, numa noite escura, de certeza que a Ara te encontra num instante.

Esboço um sorriso amargo.

— Nada do que disseres me vai fazer mudar de ideias, Isla. Fui um idiota.

— É verdade, foste. Mas agora tens de fazer as coisas com calma. Achas que a vais encontrar assim, sem mais nem menos?

— Sei onde procurar.

— Já percebi que sabes tudo. No entanto, o que eu vejo é um homem de coração partido e cabeça quente. Pensa no que estás a fazer. Não te digo que não vás, mas organiza-te primeiro. Fala com os pais e com o Consílio, para não ficares de mal com ninguém e, quando voltares, não seres punido.

Se ela soubesse... não posso ser mais punido do que já fui. Fui contra a palavra do Consílio, e o Regente, Llyr, descobriu e expulsou-me da Fraternidade dos Protetores. Aconteceu tudo tão rápido que ainda ninguém sabe. Portanto, neste momento, não tenho muito mais a perder. Fiz a minha escolha e arqueei com as consequências. E fi-lo porque julgava que ia trazer alguma luz à decisão de Ara.

— Só regresso se ela vier comigo.

— Agora estás só a ser parvo — diz alto e cada vez mais chateada.

— Isla, sei que não entendes, mas a Ara... conquistou o meu coração. Não existe ninguém que se compare. Não importa onde *tenho* de estar.

— Entendo perfeitamente, Kai. Não é por nunca me ter apaixonado que não dou valor ao sentimento. Vi o vosso amor crescer, sei que a amas. Mas ela tomou uma decisão, uma que, neste momento, não te inclui.

Os meus olhos faíscam de fúria.

— Ela pediu-me para eu ir com ela...

— E tu escolheste ficar.

Isla é a pessoa mais empática que conheço. Diz a verdade e toca na ferida. Põe tudo em perspetiva. Só que eu achava que a decisão de Ara era ir embora, por isso, fiz o que fiz...

— Preciso de ficar um pouco sozinho, pequena.

Encaminho-a em direção à saída e ela percebe que deve deixar as coisas por aqui.

— Só não quero que faças alguma burrice de que te possas vir a arrepender... ainda mais.

Aceno com a cabeça, ela dá-me um abraço rápido e sai.

Não quero ser impulsivo na minha decisão, mas tenho de ir para onde Ara está. Com a mochila aos ombros, saio sem olhar para trás.

Sei que o Consílio se reuniu. Ouvi Llyr a convocar uma reunião de emergência, contudo, já devem ter terminado.

A cidade deveria estar soturna e apática, mas acontece o oposto. Ao contrário do que aconteceu mais cedo, altura em que andavam poucas pessoas nas ruas, agora, os habitantes estão dispersos em grupos um pouco por todo o lado e conversam. Alguns com calma, outros mais efusivamente. Estão a processar os últimos acontecimentos.

Entro no Colégio Central, subo a escada e dirijo-me à sala de reuniões, onde os Membros do Consílio deliberam fervorosamente. Falam alto e o ambiente tenso é quase palpável. Não dão pela minha presença. Vou para me anunciar, mas as palavras de Llyr travam-me.

— A maioria decide! — diz Llyr, com a voz forte e grave. — Contar tudo à Ara e ao Kai. Duas batidas a favor e uma batida contra.

Com exceção de Anadir, todos põem as mãos sobre a mesa e duas batidas fortes pulsam na sala em uníssono.

— A decisão está tomada. Revelaremos então os Outros Mundos — diz a minha avó.

O chão quase me foge debaixo dos pés. Deixo cair a mochila.

— Que Outros Mundos, avó?

Todas as cabeças giram na minha direção, sem surpresa ou choque, apenas entendimento e conformidade.

Llyr estende o braço e faz um amplo gesto para que me sente na cadeira livre.



«A coragem é como o vento, invisível, mas capaz de mudar o curso dos rios e das vidas.»

Crônicas de Uma Batalha,
Elianora Valentis



3

Ara

Eu e Colt continuamos no mesmo sítio, a conversar. Distraio-me, por momentos, com um ligeiro roncar. Colt ri e eu sigo o seu olhar. *Flyer* está de barriga para cima, com as patas flácidas e inchado de tanto comer. O ressonar é forte e engraçado para um bichinho tão pequeno.

— Será que ele vai sobreviver aqui? — pergunta Colt, e eu arregalo os olhos, surpresa, por isso ainda não me ter ocorrido. Aperto-o ainda mais no meu peito.

— Claro que vai! — digo, um pouco alto de mais. — Vou fazer tudo o que for preciso.

— Só pergunto porque, como *lá em baixo* o ambiente é mais quente, o organismo dele pode não aguentar. E não estou a ver como é que vai passar na alfândega.

— Não o deixo aqui. Quanto à alfândega, havemos de pensar numa solução.

Colt observa-o, muito compenetrado, como se o estivesse a estudar. Pega-lhe numa orelha comprida, analisa-a e deixa-a cair outra vez.

— Se o pintarmos de branco, talvez consiga passar por um coelho. De uma espécie rara, sei lá. Conheço quem nos desenrasque uns documentos.

Fico tão perplexa com este novo Colt. O que quebra as regras, que não tem medo de demonstrar os sentimentos. Que vai à luta.

— Uau! Como tu mudaste. — A minha voz sai baixa, quase com tristeza. Não que não goste deste Colt, mais arrojado e desinibido, determinado, mas saber que fui eu que o forcei a esta mudança tão brusca destrói-me um pouco mais.

— Não fui o único a mudar. — Olha-me profundamente e sinto-me um pouco intimidada. — Tu estás diferente. Não quero fazer de conta que entendo pelo que passaste e o quanto te deve ter custado deixar Aquorea. Para teres optado por ficar, havias de ter um motivo muito forte e não terá sido uma decisão fácil de tomar. Mas sei que aconteceu muita coisa e espero que um dia o partilhes comigo. Sabes que sempre fui o teu melhor ouvinte.

Não tenho grande vontade de falar com ele acerca de Kai, pelo menos, neste momento. No entanto, preciso de saber como se conheceram e como foi parar a Aquorea. E se as duas coisas estão interligadas.

— Como conheceste o Kai?

O sorriso que esboça é curto, porém sincero. É o meu Colt.

— Quando a tua irmã começou a andar com o Fabrici. — Um relâmpago de raiva passa-lhe fugazmente pelo rosto e os olhos escurecem para um tom quase negro. — O Mário Fabrici, o tal jornalista. Os comportamentos dela ficaram... Bem, digamos que se tornou numa pequena ninja delinvente.

Arregalo os olhos e ele continua.

— Certa noite, algumas semanas após desapareceres, ela fugiu de casa.

— Fugiu? A Benny?

O maxilar dele contrai-se.

— Sim. Quando dei por mim, estava a segui-la até a um bar. Entrei, mas estava tanta gente que não a encontrei. Dirigi-me ao balcão e perguntei por ela, porém um rapaz disse-me que a viu sair para as traseiras. Fui até lá e via-a consumir drogas com o jornalista e outro tipo. Passei-me e envolvemo-nos numa verdadeira cena de pancadaria. Eram dois contra um, e olha que naquela altura ainda não tinha isto. — Mostra-me o músculo protuberante do braço.

— Foi então que o mesmo rapaz que me disse onde eles estavam entrou em cena para me ajudar.

— O Kai? — pergunto, num fio de voz.

— Sim, o Kai. Ele ajudou-me e, durante o tempo em que cá estive, formámos uma amizade.

— Como assim? Ele falou-te de onde vinha?

— Disse-me que andava a viajar.

— Os meus pais conheceram-no? — A minha traqueia aperta.

— O teu pai viu-o ao longe uma ou duas vezes, mas não se conheceram. Eu precisava de um amigo, de alguém que me escutasse. E ele estava tão interessado em ouvir todas as histórias que eu tinha para contar sobre ti e tudo o que nos estava a acontecer. Deu-me tão bons conselhos...

— Para me esqueceres, não?

— Não. Sempre me disse para manter a esperança, que nunca se sabia se um dia te voltaria a ver. Talvez nessa altura ele pensasse que querias vir embora.

— Acho que fui injusta com ele — desabafo.

— Ele não te contou tudo, certamente teve os seus motivos.

Agora está a defendê-lo? Como não digo nada, ele continua.

— Foi um verdadeiro amigo, Ara. Fez-me muito bem tê-lo ao meu lado naquela ocasião. Estranhamente, fazia-me sentir mais próximo de ti, de certo modo. Agora percebo o porquê.

Penso no momento em que Kai me disse que Colt tinha «caído» em Aquorea. Na reação estranha e como insistiu em dizer-me que me amava e tudo o que tinha feito se devia a esse amor. Também me lembro de ele dizer que precisava de me contar uma coisa; e de Colt ter acordado sem ele o poder ter feito. Quando Colt o reconheceu e o chamou pelo nome, percebi de imediato que, naqueles treze dias em que Kai esteve desaparecido, tinha estado na Superfície.

— Ele sabia que, se me dissesse, na altura da minha chegada a Aquorea, que me podia trazer de volta, eu não hesitaria em regressar.

Ao dizer isto, agradeço secretamente a Kai por não o ter feito. Por me ter deixado conhecer melhor aquele Mundo, aquelas

peessoas e o meu desígnio enquanto «Salvadora» de Aquorea. Sorrio com estas memórias. E associado a elas, vem outro pensamento.

Se eu era a dita «Salvadora», porque é que Colt, que nem do meu sangue é, foi lá parar?

— Estás com aquele ar. Aquele com que ficas quando estás a matutar em alguma coisa. Isso não mudou.

Enrugo a testa. Ele conhece-me tão bem. Quando éramos pequenos, tínhamos um jogo de estudar as expressões faciais um do outro. Fazíamos de conta que estávamos tristes, felizes ou zangados, e o outro tinha de adivinhar a emoção sentida. Ao longo dos anos, isso acentuou-se e começámos a conhecer também os nossos tiques e manias. Inventámos a nossa própria comunicação por sinais. Portanto, estudar o meu rosto e perceber o que me vai na alma é-lhe tão natural como beber um copo de água. Não temos telepatia, mas temos anos de convivência juntos.

— Estava aqui a pensar, como foste lá parar e porquê? Supostamente, só as pessoas que têm uma ligação muito forte com Aquorea é que são convidadas a entrar.

— É uma história um pouco longa. Não preferes descansar?

— Temos tempo. E habituei-me a dormir pouco.

Flyer, completamente desperto e muito irrequieto, mexe-se no meu colo e salta para o chão. Noutra pulo, já está ao pé da porta. Emite um rosar baixo enquanto fareja pela frincha, de um lado para o outro.

— Estranho — diz Colt. Levanta-se, vai à cozinha e regressa à sala com um taco de beisebol.

— Visitas indesejadas? — pergunto, ao levantar-me.

Colt baixa-se, pega no pequeno *Flyer* e passa-mo.

— Vai lá para cima.

Nem me digno a responder-lhe.

— Colt! — Lá fora alguém grita. — Colt! Estás aí? Por favor, diz-me que não morreste. Não posso perder-te também. — A pessoa choraminga e bate à porta com pancadas pungentes.

— Quem é? — pergunto, intrigada.

— O capitão Santos.

— E porque é que ele pergunta se estás vivo?

— É a tal história que estava prestes a contar-te. Vai lá para cima, Ara. Parece-me embriagado, e, quando assim é, fica muito casmurro.

Pouso *Flyer* em cima do sofá.

— Fica — ordeno. Passo por Colt, destranco a porta e encaro um homem mais ou menos da idade do meu avô, que emana um inequívoco bafo a álcool. — O que deseja? — pergunto num tom autoritário e talvez um pouco rude.

O homem cambaleia, quase cai, não fosse Colt sair rapidamente e ampará-lo. Os olhos arregalam-se e leva a mão ao peito quando me vê.

— Arabela? Eu sabia! Eu sabia que estavas viva! Onde está o teu avô? — O homem grita com toda a força, como um louco.

— Vá-se embora, capitão. Estou bem. Quando lhe passar a bebedeira, falamos, neste momento, não está em condições. Venha, vou levá-lo a casa. — Colt começa a puxá-lo, contudo, ele resiste.

— Anadir? Onde estás? Sei que estás aí. — Ele entra de rompante em casa, sacudindo-nos aos dois.

Aturdida, encaro Colt como que a perguntar: «Ele sabe?»

— Anadir! — O capitão anda pela sala, qual touro enraivecido, e assim que põe um pé na escada de acesso aos quartos, Colt interpõe-se à sua frente.

— Vamos. Já! Neste momento, não está em condições de compreender nada.

— Compreendo muito bem. Eu vi-te desaparecer à minha frente. Eu vi. Afogaste-te, Colt. E tu! Onde é que tu estiveste? — pergunta-me o capitão. — Viste o meu filho? O meu filho está lá? Chama-se Jorge. Eu sei que ele foi para onde tu e o teu avô foram. — A sua voz definha e, no fim da frase, é um pranto contínuo. Leva as mãos à cabeça e chora, desesperado.

— Ela não conhece o seu filho. Esteve do lado de lá do rio, na Argentina. Uma tribo acolheu-a.

Ele ergue a cabeça, confuso, e os seus olhos passam de Colt para mim, uma e outra vez, como que à espera de que eu confirme se é verdade.

— Eu estava muito fraca e com amnésia — digo a primeira mentira que me vem à cabeça.

Ele sossega um pouco e enxuga as lágrimas com as costas da mão. *Flyer*, ao ver tudo mais tranquilo, voa como um raio e finca os dentes no homem.

— MENTIROsos! Que bicho é este? — Tenta afastá-lo com a genica de um miúdo e segura Colt pelos colarinhos. *Flyer* continua pendurado na perna do capitão. Colt arfa e tenta livrar-se das mãos calejadas dele.

Não tenho aqui a minha pistola de arpões, pelo que opto por agarrá-lo pela parte de trás do pescoço, como Petra me ensinou nos treinos. Imobilizo-o, e prendo-lhe um braço atrás das costas. Deito-o ao chão com a ajuda de Colt.

— Ouça o que lhe digo. — Colt pousa um joelho nas costas dele e fala com voz baixa e controlada. Por breves instantes, comparo-o a Kai. — Passámos todos por um grande susto, mas foi só isso, um susto. Estamos aqui e bem. Agora tem de se controlar e ir para casa. Não quero magoá-lo.

— Eu sei que tenho razão. É impossível que tenhas sobrevivido. Eu vi-te ir ao fundo, Colt. Procurei-te durante horas, sem te encontrar...

— Viu que eu caí. O que não viu é que fui arrastado pela corrente até ser resgatado, pela mesma tribo que socorreu a Ara.

— Deixem-me levantar — barafusta ele.

Afastamo-nos. Ele ergue-se e encaminha-se para a saída. Ao passar junto à mesa de jantar, observa o cristal que *Flyer* trouxe e olha para nós de novo.

— Saia — ordena Colt.

— Só quero saber se o meu filho está vivo. E se sabes, tens a obrigação de me dizer. — Olha diretamente para mim, com um dedo acusador.

Sinto pena deste homem, e, agora que sei a dor de perder alguém que amamos, tenho de tentar confortá-lo de alguma forma. A verdade é que não sei se o filho dele está vivo ou morto, ou se estará sequer em Aquorea, mas tenho de lhe dar alguma paz.

— Sr. Santos, não conheço o seu filho. O Colt está a dizer a verdade. Encontrou-me com uma tribo que me resgatou. Estive em muito mau estado durante muito tempo. O Colt apareceu quando eu estava pronta para regressar.

Ando até ele, devagar, e pouso-lhe a mão nas costas. Gentilmente, encaminho-o para a porta e, sorrateiramente, ponho-lhe no bolso o cristal que *Flyer* trouxe.

— Sim, apesar de tudo, tivemos sorte, capitão. Algo me levou até à Ara — explica Colt.

O capitão encara Colt uns segundos, antes de falar.

— Algo não. *Alguém*. Estava uma noite de lua cheia, a água parada. Tu não caíste do barco, Colt. Tu foste puxado.

AQUOREA

EXPIRA

Ara está devastada. Depois de abandonar o lugar que passou a chamar de casa, luta agora consigo própria para se adaptar novamente à Superfície, e procura curar as feridas ao lado da família.

Já Kai, mesmo com o caos instalado em Aquorea, não aceita a realidade de estar separado de Ara.

Quando uma nova ameaça surge e são lembrados de que a traição pode vir de onde menos se espera, Ara e Kai terão de enfrentar inimigos e desafios tenebrosos, enquanto testam as fronteiras do impossível. Tudo na esperança de encontrar os aliados certos nos lugares mais inesperados, mas o mais pequeno erro poderá trazer destruição a tudo o que conhecem.

Com um ritmo de tirar o fôlego, carregado de magia, destinos cruzados, diplomacia com novos mundos e guerra, a pergunta que paira no ar é: irá este amor sobreviver?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897844232



9 789897 844232 >